

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Departamento de Educação, Informação e Comunicação
Curso de Pedagogia

Deborah Fernanda Santana Gimenez

Pesquisa de material de apoio aos estudos e aulas da disciplina “História da Educação no Brasil”, como requisito de avaliação da aprendizagem.

Docente: Prof. Associado Sérgio C. Fonseca.

Ribeirão Preto

2020

SELEÇÃO DE MATERIAL AUDIOVISUAL RELACIONADOS AOS TEMAS DAS AULAS E LEITURAS DE ESTUDOS DO CURSO

1. Texto relacionado: Texto 9 - BUFFA, Ester; PINTO, Gerson de Almeida. Dos anos 1890 a 1920.

Tema da aula: A expansão da escola pública durante o século XX.

Descrição: Imagens com publicidades de carteiras escolares vendidas no século XX. Podem fornecer subsídios para o estudo do desenvolvimento da educação no Brasil, concomitantemente com o desenvolvimento da indústria, bem como para o estudo da arquitetura e dos arranjos dos ambientes escolares.



Complete sua escola com **BRASILEIRA**
Carteira de altura variável!

É uma carteira prestigiada pela satisfação de seus inúmeros compradores.

Peça prospectos hoje mesmo a

LUIZ MELLONE & Cia. Ltda. - R. S. Caetano, 192 - S. Paulo
Fabricantes desde 1912 de Material Escolar

Conjuntos **BRAFOR**
a partir de
Cr\$ **850,00**
mensais



ANO NOVO
CARTEIRA NOVA



mas...
KASTRUP

1960... nove ano letivo... novos alunos...
carteiras velhas e quebradas?
Claro que não. Ano novo, carteira nova.

KASTRUP resolve seu problema de substituição de móveis escolares, com ampla linha de produtos, fabricados com legítima madeira e oferece grande facilidade nos pagamentos.

Há trinta anos KASTRUP fabrica e fornece móveis às escolas do Brasil.

CIA. P. KASTRUP - Comércio e Indústria
Rua Vitória, 628 - Fone: 35-4562 - São Paulo
Fábricas em Curitiba e Joinville

Onde encontrar/ligação (link): Acervo do jornal “O Estado de São Paulo”.
(<https://acervo.estadao.com.br/>)

Figura 1: Publicidades de carteiras escolares publicadas em jornal.

2. Texto relacionado: Texto 6 - FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX.

Tema da aula: A escolarização pública no Brasil durante o século XIX.

Descrição: Este filme se passa em Diamantina, no estado de Minas Gerais, no final do século XIX, pouco tempo após a abolição da escravidão e a proclamação da república no Brasil. A história é baseada no livro “Minha Vida de Menina”, escrito entre os anos de 1893 e 1895, quando Helena Morley (pseudônimo de Alice D. C. Brant) relata a sua vida de adolescente em um país também “adolescente”. Assim como em “O Ateneu”, de Raul Pompeia, com esta obra filmográfica (bem como a bibliográfica) é possível entender aspectos acerca de como se dava a escolarização pública no Brasil no final do século XIX. Neste caso, apreendendo questões sobre gênero, relações étnico-raciais, colonização, religião, entre outros.

Filme: Vida de Menina

Direção: Helena Solberg

Duração: 100 min

Onde encontrar/ligação (link): Youtube.

(<https://www.youtube.com/watch?v=95N0ka6-hD8>)

Figura 2: Audiovisual "Vida de Menina"

3. Texto relacionado: Texto 10 - LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula.

Tema da aula: Outros atores: as mulheres e a educação no Brasil

Descrição: A revista, organizada por Anália Emília Franco, fornece importantes informações para o entendimento sobre a questão da demanda por educação feminina e como ela se dava no final do século XIX e início do século XX.



Revista: Álbum das Meninas: Revista Literária e Educativa dedicada às jovens brasileiras (edição de 30 de abril de 1898)

Onde encontrar/ligação (link): Arquivo Público do Estado de São Paulo.

(http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)

Figura 3: Revista Literária e Educativa dedicada às jovens brasileiras.

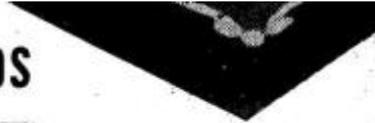
RELATÓRIO

A imagem escolhida para o tema da expansão da escola pública durante o século XX se deu pela curiosidade instigada pelo artigo de Alcântara (2016), que trata sobre “A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX”. De acordo com este estudo, existe uma relação intensa entre a indústria e a estruturação da escola moderna, pública e obrigatória. A autora afirma que a escola movimentou um mercado muito grande, fazendo do Estado um amplo comprador de produtos (neste caso em específico, de cadeiras escolares) e por outro lado o mercado atuava no sentido de criar objetos de desejos para as escolas modernas, com grande valor cultural agregado - pautado na crença de que os mobiliários modernos pudessem levar à qualidade de educação.

Estes ideais estiveram presentes no período analisado por Buffa e Pinto (2002), quando começaram a surgir os prédios escolares específicos para essa função. Os autores falam da modernidade pedagógica, dos avanços trazidos pela incorporação do método intuitivo e das atividades diárias escolares, demonstrando como era a organização das salas de aula e do mobiliário. A partir da curiosidade acerca dos mobiliários da época, buscou-se notícias, imagens e itens diversos no acervo do jornal “O Estado de São Paulo”.

Nesta busca, foram encontradas diversas propagandas de carteiras escolares que circularam entre 1950 e 1970. As primeiras, de 1955 e 1956, tratavam de cadeiras com pés fundidos, cuja parte de trás fazia parte da mesa de outro estudante. A união entre mesa e cadeira de dois alunos distintos bem como a fixação ao chão impossibilitava rearranjos e “engessava” a estrutura da sala de aula (Figuras 4 e 5).

Conjuntos
BRAFOR
 a partir de
Cr\$ 850,00
 mensais



CADEIRAS ESCOLÁRES "BRASILEIRA"



POLTRONAS PARA CINEMAS BRAFOR

Figura 4: O Estado de São Paulo. Páginas da edição de 03 de julho de 1955, pág. 64



M-SP-2.149

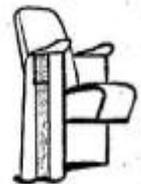
LOJA
BRAFOR

Rua Sete de Abril, 125 - Fone 34-6665 - São Paulo
 Delante à Rua Conselheiro Crispiniano

Fabricantes especializados para todo o Brasil desde 1912



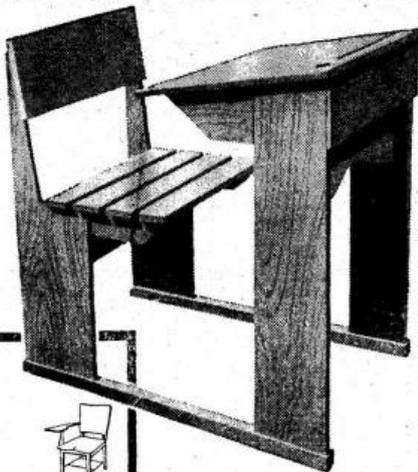
Carteiras Escolares
 "Brasileira"
 Duplas e individuais



Poltronas para
 Cinema recuáveis
 e fixas "Brafor"

Figura 4: O Estado de São Paulo. Páginas da edição de 16 de outubro de 1956, pág. 10

**ANO
 NOVO
 CARTEIRA
 NOVA**



mas...

KASTRUP

1960... novo ano letivo... novos alunos...
 carteiras velhas e quebradas?
 Claro que não. Ano novo, carteira nova.

KASTRUP resolve seu problema de
 substituição de móveis escolares, com
 ampla linha de produtos, fabricados
 com legítima imbuía e oferece grande
 facilidade nos pagamentos.

Há trinta anos KASTRUP fabrica e
 fornece móveis às escolas do Brasil.

CIA. P. KASTRUP - Comércio e Indústria

Rua Vidria, 826 - Fone: 35-4562 - São Paulo
 Fábricas em Curitiba e Joinville

- Mesas para professores
- Armários para material escolar
- Quadros verdes de parede
- Estantes, mesas e cadeiras para bibliotecas
- Móveis de gabinete
- Carteiras para jardim da infância, cursos primário, ginasial e universitário
- Bancos para recreio

Figura 6: O Estado de São Paulo. Páginas da edição de 18 de fevereiro de 1960, pág. 8

Na publicidade da Figura 6 percebe-se que as carteiras apresentavam certa modernização em relação às anteriores. Importante frisar que a indústria já era antiga, pois na propaganda da marca há a informação de que eles estavam há 30 anos no mercado de fabricação de móveis escolares. Neste modelo, a carteira ainda permanece fixa ao chão, mas com maiores possibilidades por não se conectar à carteira de outro estudante

Na mesma busca, foi encontrada uma nota publicada na página 7 no dia 05 de agosto de 1965, indicando um contrato para fornecimento de 26.400 carteiras escolares, com a maioria dos recursos provenientes da “Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional”, fato relacionado às reformas no ensino brasileiro realizadas a partir dos anos 1960, com extensa interferência estadunidense no Ministério da Educação.

SALAS DE AULA
Mais de mil salas de aula serão equipadas, ainda este ano, pela Secretaria de Educação.
A maior parte delas — cerca de 660 — está sendo construída com recursos da USAID, dentro da Aliança para o Progresso.
O governo do Estado assinou contrato, recentemente, com uma indústria de Pernambuco para fornecimento de 26.400 **carteiras escolares**, para atender a essa nova demanda escolar.

Figura 7: Nota sobre carteiras escolares compradas com auxílio dos recursos da USAID.

O audiovisual citado na Figura 2 traz a obra cinematográfica “Minha Vida de Menina”, que retrata a vida da adolescente Helena Morley em Diamantina, Minas Gerais no contexto do final do século XIX e início do século XX.

É possível apreender o cenário do interior do Brasil nesta época no que tange aos aspectos econômicos, políticos e sociais, marcados pelo mesmo modelo produtivo sobre o qual criticou Cardoso (2005), sendo excludente, escravista e baseado em uma mentalidade que contribuía para a perpetuação deste padrão.

Helena vive sua adolescência no período da primeira constituição republicana, de 1891, quando o ensino secundário estava a cargo dos estados. Segundo Nosella (2000), seria o momento da Escola Brasileira Republicana (1889-1930), quando foi criado um sistema escolar (Escolas Normais e Grupos Escolares) e quando foi estabelecida a laicidade no ensino.

O pai de Helena Morley é um descendente de ingleses, protestante, o que contrasta com a maioria da população católica de Diamantina (incluindo a família materna da protagonista). Na figura do pai fica evidente a mentalidade científicista relacionada aos aspectos do

iluminismo expostos por Buffa e Pinto (2002), como a importância dada aos estudos e ao trabalho.

Ao assistir as primeiras cenas na escola, fica evidente que o momento retratado é posterior ao período “jesuítico” (entre meados do século XVI e meados do século XVIII) e ao período de Aulas Régias (entre 1759 e 1834), estabelecido após a Reforma dos Estudos (CARDOSO, 2005). O formato em que o colégio é apresentado no filme é similar à configuração que se conhece hoje. Já contando com descentralização, com maior valorização do Estado, com classes, seriadas, prédios escolares construídos especialmente para tal função (Figura 8), separadas por gênero - como observado por Buffa e Pinto (2002).

Essas características parecem ser recentes para a sociedade de Diamantina-MG, pois conforme Buffa e Pinto (2002), a escola de tal modo, compreendendo múltiplas salas de aula, com várias classes e um professor para cada uma delas apareceu pela primeira vez no ensino público no estado de São Paulo justamente na década de 1890.



Figura 8: Cena em que é identificada a escola de Helena Morley.

A obra retrata alguns importantes aspectos contrastantes do contexto brasileiro da época que foram analisados por Faria Filho (2002). A protagonista é incentivada pela família e pelo professor a estudar, a escrever, indo ao encontro de uma sociedade caracterizada pelos ideais iluministas, mas que ao mesmo tempo possui uma organização social com formas produtivas extrativistas e arcaicas. Seu pai é um trabalhador da extração mineral, atividade que permeou o Brasil durante o século XVIII, mas que estava em decadência no século XIX, motivo que explica a falta de recursos financeiros para a família.

Apesar de o pai de Helena não ser um homem de grandes posses, a família materna da protagonista era tradicionalmente rica, o que conferia à garota a possibilidade de estudar no “Externato e Eschola Normal”, caracterizado por possuir um caráter elitista, excluindo as camadas populares, com clientela representada por filhas de fazendeiros. A avó materna da

garota era quem costumava comprar os típicos uniformes azuis parecidos com os uniformes tradicionais das normalistas.

Segundo NOSELLA (2000), além do elitismo evidente, a escola na época vivia e reproduzia um clima cultural marcado por uma profunda ruptura com o trabalho, fato corroborado por Helena ao longo da história, quando expõe o preconceito que o seu pai tem que tolerar por ser um homem que dá importância ao trabalho em uma sociedade que delega o trabalho somente às pessoas negras (excluídas dos processos educacionais e aptas apenas ao trabalho braçal).

Com o audiovisual organizado por Anália Franco (Figura 3), a Revista Literária e Educativa dedicada às jovens – que passou a circular a partir de 1898 e foi até 1901-, é possível relacionar os aspectos conectados ao texto de Louro (1997).

Nesta revista tem-se representações do que era o feminino à época, do que era a moral feminina, da importância da filantropia, de qual era o dever das mulheres como mães, como criadoras de crianças, como cristãs, entre outros.

A tendência de “feminização do magistério” já estava posta neste período, era tido como natural que as mulheres tivessem inclinação para trabalhar com crianças e a revista “Álbum das Meninas” corroborava com a opinião da época. Parte importante dessa publicação está na difusão de ideias sobre a importância do acesso à educação para as mulheres, pautadas, no entanto, em opiniões conservadoras e em princípios religiosos, contra o materialismo e a “descrença”.

Segundo Louro (1997), ainda havia uma multiplicidade de concepções de formatos de educação para mulheres nessa sociedade brasileira no pós proclamação da república, mas o discurso hegemônico é o que é encontrado na revista de Anália Franco, o de que as mulheres deveriam ter direito à educação, mas de uma formação moral, muito mais ligada aos princípios de se tornarem mães virtuosas e “pilares de sustentação do lar”.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Wiara. A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo: v. 24, n. 2, p. 115-159, maio-ago., 2016.

BUFFA, Ester; PINTO, Gerson de Almeida. Dos anos 1890 a 1920 – um prestígio visível. In: _____. **Arquitetura e educação. Organização do espaço e propostas pedagógicas dos**

grupos escolares paulistas, 1893/1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002. p. 29-89.

CARDOSO, Teresa Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil** – vol. III – Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. (vol. I). p. 179-191.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA, Luciano M. de; VEIGA, Cynthia G. (orgs.) 500 anos de educação no Brasil. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 135-150.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres em sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

NOSELLA, Paolo. Qual compromisso político? Bragança Paulista: EDUSF, 2000. P.43-50.